

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS**

RENATA NAOMI OTTO KAWANO

“A ÁRVORE DA ESPERANÇA”: Histórias e Memórias da Imigração Okinawana em
Campo Grande/MS

CAMPO GRANDE-MS

2023

RENATA NAOMI OTTO KAWANO

“A ÁRVORE DA ESPERANÇA”: Histórias e Memórias da Imigração Okinawana em
Campo Grande/MS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Faculdade de Ciências
Humanas da Universidade Federal de
Mato Grosso do Sul, como parte dos
requisitos para obtenção do título de
Licenciatura em História.

Orientador(a): Profa. Dra. Dilza Porto
Gonçalves

CAMPO GRANDE - MS

2023

RESUMO

A Cidade de Campo Grande é um dos maiores centros de imigrantes japoneses derivados da atual província de Okinawa, Japão. E o Brasil é o país com o maior número de imigrantes e descendentes desta mesma região. Okinawa já foi um reino independente, tendo cultura, religião, língua e costumes próprios. A chegada e a instalação dos imigrantes na cidade proporcionaram uma grande demarcação de cultura Okinawana em Campo Grande. Como o maior exemplo, temos o Sobá como um Patrimônio Histórico Imaterial da cidade; prato derivado diretamente do Okinawa Sobá, que advém de seus imigrantes na cidade. Este trabalho de conclusão de curso, tem como objetivo, analisar o contexto histórico que levou à jornada dos imigrantes, até as influências que estes geraram na capital do estado de Mato Grosso do Sul, Campo Grande.

Palavras-chave: Imigração Okinawana, Okinawa, Imigração Japonesa, Campo Grande

ABSTRACT

Campo Grande city is one of the biggest japanese immigration centers that derives from the Okinawa prefecture, in Japan. And Brazil is the country with the largest number of immigrants and descendants of this region. Okinawa was once an independent kingdom, having its own culture, religion, language and traditions. The arrival and establishment of the okinawan immigrants in the city has created a big marking of Okinawan culture in Campo Grande city. Having its biggest and most famous example in the form of the Soba, a famous Campo Grande dish that comes from the okinawan dish known as Okinawa Soba. Soba has become an immaterial heritage of Campo Grande. This final paper has the intent of analyzing the historical facts that led the immigrants to this journey, and also, analyzing the influences generated by these people in the city of Campo Grande.

Keywords: Okinawan Immigration, Okinawa, Japanese Immigration, Campo Grande

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa das ilhas de Ryukyu.....	7
Figura 2 - Statue of Kyuzo Toyama.....	16
Figura 3 - In Memory Of Kyuzo Toyama	16

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	CONTEXTO	7
2.1	O Reino Ryukyu durou mais de 450 anos	8
2.2	Transformação dos okinawanos em “japoneses autênticos”: a tentativa de apagamento e silenciamento do Povo de Ryukyu	11
3	A IMIGRAÇÃO	12
3.1	A “Modernização”: incentivo à emigração para o exterior	13
3.2	Kyuzo Toyama, “O pai da imigração okinawana”	15
3.3	Imigração Okinawana no Brasil	18
3.3.1	Karenohoshi - Fazenda Canaã e Fazenda Floresta	19
3.4	Como se deu o início da imigração a Campo Grande, MS?	21
3.4.1	A Estrada de Ferro Noroeste	21
3.4.2	Fixação em Campo Grande MS	23
4	A INFLUÊNCIA NA CULTURA CAMPO-GRANDENSE MS	26
4.1	O Sobá	28
4.2	O Moai	30
4.3	Cooperativa Agrícola	31
4.4	Associação Okinawa de Campo Grande	33
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
	REFERÊNCIAS	36

1 INTRODUÇÃO

Você é japonesa? Começo com essa pergunta, que muitas vezes descendentes asiáticos acabam tendo que responder, mesmo com todo desconforto que essa pergunta possa gerar. Sempre que me fazem ela eu respiro e penso por alguns minutos, entro em um estado de reflexão. Em minha mente vem os seguintes pensamentos: sim e não. Sim, de certa forma eu sou japonesa, por ser descendente de japoneses, apesar de não ser por (de) nascença. Mas também, não. Pois nasci no Brasil e sou brasileira. Porém, não somente isso, também tenho a minha descendência okinawana, mas como explicar? Então eu respondo para a pessoa: “Não sou japonesa, pois nasci no Brasil, então sou brasileira e tenho descendência japonesa e okinawana. Sou muitas coisas que somente a minha descendência não pode me determinar.”

Stuart Hall, quando em se tratando de identidade, explica com muito diálogo e abertura de estudo a forma com a qual a encontramos dentro de cada situação. A figura do imigrante okinawano constitui parte intrínseca da identidade de cada um de seus descendentes, um reflexo de cada uma de suas escolhas de vida e da decisão de sua partida de sua terra natal em busca de novas oportunidades que lhe propusesse melhores condições. Talvez não seja apropriadamente a mesma identidade de "imigrante okinawano", mas seja, sim, uma identidade de "descendente de imigrantes okinawano" que se formula e ganha forma.

O imigrante constituiu suas identidades a partir de referências culturais de sua terra natal, mas também do lugar onde se encontra, no caso dos okinawanos, no cenário brasileiro. Para melhor compreendermos como essas questões culturais relacionadas a nossas ascendências recorreremos a Barros, quando em análise a obra e contribuição de Chartier para a História Cultural, ao refletir sobre práticas culturais,

"O que são as "práticas culturais"? Antes de tudo, convém ter em vista que esta noção deve ser pensada não apenas em relação às instâncias oficiais de produção cultural, às instituições várias, às técnicas e às realizações (por exemplo os objetos culturais produzidos por uma sociedade), mas também em relação aos usos e costumes que caracterizam a sociedade examinada pelo historiador. São práticas culturais não apenas a feitura de um livro, uma técnica artística ou uma modalidade de ensino, mas também os modos como, em uma dada sociedade, os homens falam e se calam, comem e bebem, sentam-se e andam, conversam ou discutem, solidarizam-se ou hostilizam-se, morrem ou adoecem, tratam seus loucos ou recebem os estrangeiros. " (Barros, 2005, p.131)

Ou seja, Chartier, relaciona as práticas culturais as práticas do cotidiano, tais como comer, beber, falar, discutir, entre outras coisas. Desta forma, o historiador que embasa os princípios da História Cultural, o cotidiano e as ações inatas são tão importantes quanto os grandes feitos. Uma vez que elas delimitam a história de um grande grupo social. Embora o autor não tenha estudado especificamente os imigrantes de Okinawa, possui uma abordagem interessante para entender como as identidades culturais são construídas. Chartier destaca a importância do contexto local e das práticas culturais na formação da identidade de um grupo específico. Assim, no caso dos imigrantes de Okinawa em Campo Grande, poderia-se explorar como suas tradições, valores, interações sociais e adaptações ao novo ambiente influenciaram a criação de uma identidade própria, uma espécie de "personalidade Okinawana de Campo Grande".

Isso poderia incluir aspectos como a preservação de tradições culinárias, celebrações festivas, a manutenção da língua e costumes específicos de Okinawa, mas também a incorporação e adaptação desses elementos à realidade local, criando uma identidade híbrida e única para essa comunidade dentro de Campo Grande.

O interesse pelo tema da Imigração surgiu por causa da minha avó paterna que tem ascendência okinawana. A força da grande mulher que, mesmo sem formação acadêmica, tinha a formação da vida, que não tinha vergonha da sua origem e das lutas que enfrentou. Sempre presente e dando conselhos para todos os filhos e netos. Grande amiga e conselheira de todos. Dedico esse Trabalho de Conclusão para a senhora, avó.

A primeira parte deste trabalho de conclusão de curso será uma base histórica que estabelece os termos e entendimentos de concepções básicas da imigração okinawana. Explicando, de forma sucinta, qual foi o processo pelo qual Okinawa deixa de ser o reino de Ryukyu para ser anexada dentro do império japonês. Ressaltando como, dentro deste contexto, os habitantes de Okinawa precisaram se adaptar a uma nova identidade.

Seguindo adiante, o segundo tópico localiza o início, o processo e o caminho traçado pelos imigrantes okinawanos até a sua chegada na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Começa-se explicando desde o início da imigração okinawana, que possibilitou sua posterior nova leva de imigrantes antes e após a segunda guerra mundial. Nomes importantes como o de Kyuzo Toyama são lembrados e explicados durante o trabalho.

Dentro ainda deste tópico, aprofunda-se um pouco mais a história para mostrar as motivações por trás da jornada que os imigrantes fizeram uma vez já dentro da América Latina. Muitas vezes saindo de países vizinhos ou de fazendas no interior do sudeste para seguir o caminho da estrada de ferro que os guiará até Campo Grande.

Por fim, o último tópico, a luz de historiadores como Certeau e Chartier, como as influências da presença e do crescimento dos imigrantes okinawanos na cidade reverberam até a atualidade. Citando como exemplos clássicos quando se adentra este tópico: O moai, o sobá, a cooperativa agrícola e associação Okinawa demarcam sua presença na história cultural de Campo Grande.

2 CONTEXTO

Para compreender o contexto da imigração okinawana para Campo Grande é necessário fazer uma breve explicação sobre a ilha de Okinawa, sua história e seus habitantes:

Onde fica Okinawa? O que é o arquipélago Ryukyu? Quem são esses okinawanos?

A província de Okinawa é a ilha maior e o centro administrativo do arquipélago de Ryukyu, sendo a cidade de Naha a sua capital. O arquipélago é formado por 169 ilhas, das quais cerca de 50 são habitadas, havendo mil quilômetros de distância entre Kyushu (região Sul do Japão) e Taiwan, (Higa, 2015).

Figura 1 - Mapa das ilhas de Ryukyu



Localização de Okinawa, posicionado no leste da China, no meio das ilhas Ryukyu. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Okinawa#/media/Ficheiro:East_China_Sea_Map.jpg, (último acesso: 18.11.2023).

Originalmente, Okinawa era um reino conhecido como Reino de Ryukyu ou Liuquiou ou Loochoo, como eram conhecidos pelo império chinês no passado, manteve intercâmbios ativos com o Império Chinês, Japonês e outras potências do Sudeste Asiático, (Higa, 2015).

2.1 O Reino Ryukyu durou mais de 450 anos

Muito ainda se desconhece sobre a origem do povo de Okinawa, como boa parte de todo o Japão, há várias hipóteses de como se povoou essa região, Tatsuo Sakima escreve:

Os primórdios da História de Okinawa estão ainda envoltos em mistério, não se conhecendo até a presente data, com precisão, a origem do povo okinawano. Provavelmente, parte dele veio, através das ilhas japonesas, do norte da Ásia, parte da Mongólia, através da península coreana e outras partes podem ter vindo do sudeste asiático através da Filipinas ou através da costa da China, (Sakima, 2000, p. 29).

O registro mais antigo do arquipélago de Ryukyu aparece em um documento chinês chamado Zuisho (Livro de Sui), onde se tem o registro do primeiro contato que a corte chinesa teve com o povo de Ryukyu. Porém, *historiadores têm dúvidas sobre a designação Ryukyu indica mesmo o arquipélago ou se se refere a Taiwan, dada a imprecisa geografia da época*, (Yamashiro, 1993).

Desde esse encontro as relações deste pequeno povoado passaram por vários conflitos internos até estabelecerem o Reino Ryukyu, que antes era dividido em três reinos: Nanzan, Chuzan e Hokuzan, já havia relações comerciais com vários povos da Ásia do Leste, principalmente com a China e o Japão.

Este período é denominado período Sanzan¹. Mais tarde, no ano de 1429, Sho Hashi², tomou o controle e unificou os três reinados, sendo o fundador da primeira dinastia Sho do Reino Ryukyu. Com a unificação houve uma grande expansão nas

¹ Três Reinos, san: três e zan: território, domínio, reino, (Yamashiro, 1993).

² Sho Hashi (1372 - 1439, reinado de 1422 a 1439) é conhecido como o unificador de Okinawa e o fundador da primeira dinastia Sho. (Yamashiro, 1993)

relações mercantis e diplomáticas, prosperando economicamente e se tornando uma importante parada dentro das rotas oceânicas do leste asiático, como colocado pelo autor José Yamashiro (1993).

Essa prosperidade econômica junto com a localização geográfica estratégica atraíram a atenção do Japão, que estava em meio de suas expedições expansionistas. No ano de 1609, o domínio de Satsuma envia para o Reino de Ryukyu, soldados para incorporar ao sistema o xogunato³ japonês. Evidenciando nesse momento o que podemos claramente observar como o processo de subjugação do povo de Ryukyu. José Yamashiro coloca da seguinte forma:

Em 1609, o feudo japonês de Satsuma dominou Ryukyu, mediante envio de expedição militar. Embora o País Ryukyu tenha sido formalmente preservado com o seu rei, o Pequeno Arquipélago ficou subordinado de fato ao senhor de Satsuma, do clã Shimazu que, por sua vez, era colocado sob as ordens do xogunato Tokugawa, o poder central do Japão, (Yamashiro, 1993, p. 109).

Desta forma, Okinawa torna-se parte do xogunato. Em 1872 no governo japonês Meiji, o Reino passa a ser conhecido como Domínio Ryukyu. E, em 1879, o Domínio Ryukyu é abolido e então criada a Prefeitura de Okinawa, que gradualmente foi incorporada ao mapa do Japão. Esta série de eventos é chamada de “Eliminação de Ryukyu”, e encerra a história de aproximadamente 450 anos do Reino Ryukyu, que continuou desde o Primeiro Clã Sho, e finalmente Okinawa é incorporada ao Japão.

Quando em se tratando, portanto, da anexação do império de Ryukyu pelo governo Japonês, é preciso enfatizar que as relações diplomáticas impostas pelo conquistador nipônico, não deveriam ser uma motivação completa para o apagamento sistemático da cultura tradicional do morador do arquipélago de Okinawa como uma nação própria. Bauman cita, por exemplo:

A humanidade contemporânea fala por meio de muitas vozes e sabemos que continuará a fazer isso por um longo tempo. A questão central é como reforçar essa polifonia em harmonia e impedir que se degenere em uma cacofonia. Harmonia não é uniformidade; é sempre uma ação recíproca de vários motivos diferentes, cada um mantendo sua identidade separada e sustentando a melodia resultante dessa identidade, (Bauman, 2008, p. 123).

Salienta-se a importância, portanto, segundo o autor, da individualização mesmo estando em sociedade. Quando se fala em uma diferenciação entre o descendente da

³ O termo Xogunato, era um governo ditatorial imposto pelo chefe militar supremo da nação.

ilha de Okinawa, em comparativo com o descendente do resto do Japão, aponta-se para a cultura, sociedade, língua e religião que tinham desenvolvimentos, de certa forma, distintos.

Dentro da tentativa de encontrar um nexo de identidade entre okinawanos, japoneses e brasileiros, isto quando em se tratando da anexação de Okinawa tanto quanto da posterior imigração dos descendentes deste arquipélago para países dos continentes americanos, Hall, quando dialogando sobre o conceito de identidade, narra que elas “são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador que é apenas por meio da relação com o Outro (...) que o significado ‘positivo’ de qualquer termo - e assim, sua 'identidade' - pode ser construído”, (Hall, 2008, p.110).

A construção da identidade okinawana é um processo que teve, tem e terá visão dentro de todos os grandes polos migratórios para onde os naturais do arquipélago se locomoveram. Uma vez que a conceitualização da identidade tem um nexo inquestionável com a política e com a construção de sociedade, como cita o autor Hall (2008, p. 109):

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no inteiro do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma “identidade” em seu significado tradicional - isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna.

A história do Reino Ryukyu revela a complexa interseção entre cultura, influência política e identidade na região. Mesmo ao longo dos séculos, os habitantes de Okinawa lutam até hoje para preservar quem são, tanto nos momentos em que eram independentes quanto nos tempos de domínio por outros povos. Essa jornada não só mostra uma determinação, mas também destaca o valor crucial de proteger as tradições únicas em um mundo cada vez mais globalizado. Compreender esse processo não apenas como algo do passado, mas como uma história viva e em constante mudança, influenciada por migrações, interações com diferentes culturas e o desejo constante de manter viva uma história rica e significativa, nos ajuda a apreciar verdadeiramente a complexidade e a importância desse legado.

2.2 Transformação dos okinawanos em “japoneses autênticos”: a tentativa de apagamento e silenciamento do Povo de Ryukyu

Com a ocupação japonesa, a pesquisadora Toma, coloca que houve um apagamento sistemático da cultura tradicional do Povo de Ryukyu, que foi fortemente sentido durante o período da Restauração Meiji. Marcada por políticas de assimilação social, cultural e religiosa impostas pelos *yamatunchus*⁴ sobre os *uchinanchus*⁵ de Okinawa. O plano *Ryukyu Measures*, lançado em 1872, visava transformar os habitantes de Okinawa em "japoneses autênticos", substituindo as lideranças nativas por japoneses de Kyushu, assim, dá início a perseguição de líderes regionais e imposição da língua e crenças japonesas, (Inoue, 2007 *apud* Toma, 2022).

Em outro ponto, a pesquisadora menciona a identificação do processo de apagamento sistemático da cultura tradicional, que inclui medidas como a imposição do dialeto de Tóquio, a proibição da língua nativa (*uchinaguchi*)⁶, a compulsoriedade do ensino do *kokka shinto* (religião nacionalista) e a supressão das *yutas*⁷, xamanismo okinawano. Essas ações visavam eliminar a identidade cultural singular de Okinawa em prol da uniformidade japonesa, (Britannica, 2022 *apud* Toma, 2022). A transformação de Okinawa em província oficial do Japão em 1879 não encerrou esse apagamento cultural, mas perpetuou-se através do conceito da soberania da identidade nacional de imposição de práticas culturais e políticas japonesas, como a abolição de práticas tradicionais e a repressão de costumes locais.

Para reforçar o dever patriótico para com o Estado japonês e a criação de uma imagem unificadora nacional, o ensino do *kokka shinto* foi compulsório nas escolas, e o culto à figura do imperador foi decretado obrigatório concomitantemente com a tentativa de absorção e apagamento do xamanismo okinawano, a religião originária das ilhas, (Toma, 2022, p.7).

Os okinawanos acabaram sendo rebaixados como cidadãos de segunda categoria e colocados em posições inferiores, sendo negligenciados, não havendo

⁴ Termo da língua de Okinawa para designar descendentes de Yamato, no caso os japoneses.

⁵ Termo da língua de Okinawa que designa aqueles que são okinawanos ou descendem.

⁶ Língua dos nativos de Okinawa, pelos processos de apagamento sistemático da cultura tradicional, passou a ser considerado como um dialeto pelo governo japonês.

⁷ Mulheres que possuem a capacidade de se comunicar com os mortos e realizam rituais ligado ao culto aos antepassados.

investimento pelo império japonês na economia e educação. Causando uma crise econômica após a Primeira Guerra Mundial que resultou em um êxodo de *uchinanchus* para outras partes do Japão, Havaí, América Latina em busca de oportunidades, evidenciando a falta de desenvolvimento econômico e infraestrutura em Okinawa.

No entanto, todas estas determinações impostas por anos à Okinawa visando sua “modernização” não foram suficientes para que os yamatos aceitassem *uchinanchus* como verdadeiros japoneses, de modo que a estes últimos ainda era relegado o status de cidadãos secundários e inferiores. Não foram criadas escolas de ensino superior ou feitos quaisquer tipos de incentivos para além da produção de açúcar, além da negação do direito à voz dentro da política e do próprio governo estabelecido, (Inoue, 2007 *apud* Toma, 2022, p.7).

A supressão cultural e negligência política moldou profundamente a relação complexa entre Okinawa e o governo japonês, impactando a identidade social e cultural da região. Mesmo após a Segunda Guerra Mundial, o legado desse apagamento e silenciamento continuou a influenciar a dinâmica entre Okinawa e o Japão, contribuindo para as tensões e desafios enfrentados pela região.

No entanto, mesmo diante dessas imposições, é crucial ressaltar a resiliência e a resistência do povo de Okinawa. Apesar das tentativas de apagamento cultural, o povo de Okinawa mostrou sua capacidade de adaptação e transformação ao longo do tempo. Em vez de ser apagada, foi capaz de se modificar, evitando o desaparecimento, e assim, chegou até os dias atuais. Aqui, então, se percebe não um apagamento total, mas sim uma evolução que permitiu que a identidade cultural de Okinawa persistisse e se mantivesse viva através das transformações ao longo dos tempos.

3 A IMIGRAÇÃO

“O rio, correnteza, pra onde irá, será
A gente correnteza, pra onde irá, será
É essa correnteza que leva fruta madura
Algum dia vai
Todo mundo vai nessas águas se misturar
Lágrimas caem e correm pra terra
onde nascerão flores de verão com a força pra gente lutar”
Flores para o Coração da Gente, Victor Kinjo⁸

⁸ Victor Kinjo, ascendente de okinawanos. cantor, compositor, pesquisador e produtor nascido em São Paulo, indicado ao Prêmio da Música Brasileira 2018 como Melhor Cantor (regional). Lançou o single “Flores para o Coração da Gente”, uma versão brasileira de sua tradução poética da canção “Hana”, do compositor okinawano “Shoukichi Kina”.

Nesta seção, apresenta-se o contexto histórico para a imigração okinawana e japonesa ao Brasil e como estes imigrantes chegaram ao estado do Mato Grosso do Sul.

3.1 A “Modernização”: incentivo à emigração para o exterior

A migração japonesa do século XIX e XX, acontece pela “modernização” trazida pelo Ocidente para o Japão, onde o Período Meiji (1868 - 1902) também conhecido como “Era das Luzes”, trouxe uma grande mudança social, política e cultural, como a abertura forçada dos portos que trouxe a influência ocidental e a restauração do poder imperial. O historiador Newton Itokazu, escreve:

Nos derradeiros anos do Clã Tokugawa, o Japão até então isolado e pacífico sofreu a primeira interferência do Ocidente. A chegada dos Buquês Negros, em 1853, sob o comando do Comodoro americano Mathew Perry, trouxe a insegurança ao poder militar japonês, que apesar de xenófobos se renderam às exigências de abertura dos seus portos e relação comerciais com as grandes potências, (Itokazu, 2000, p. 38).

Já não cabia mais o modelo social baseado na hierarquia guerreira (xogunato) que havia unificado o Japão ao fechar os portos para o estrangeiro (com exceção do Império de Ryukyu que ainda mantinha relações mercantis), gerando distúrbios na estrutura, causando o aumento dos tributos para os lavradores que tinham que sustentar os guerreiros e a estagnação da economia mercantilista da época. Em outro ponto o autor Itokazu, descreve:

Nesse processo de deterioração, em que a sociedade nipônica passou, os guerreiros apesar de gozarem, de prestígio, não mais possuíam riquezas para manter seu alto padrão, recorrendo aos empréstimos de agiotas e comerciantes; os lavradores, cada vez mais pobres, foram obrigados a hipotecar suas terras aos grandes proprietários e aos comerciantes, (Itokazu, 2000, p. 37).

A “modernização” envolveu reformas institucionais, industrialização e transformações sociais e educacionais. Onde a educação seria oferecida para todos os súditos, não apenas a elite, essa medida proporcionou um grande salto para o desenvolvimento nacional, (Yamashiro, 1993). Sendo que a expansão russa era uma das grandes preocupações do império japonês, impulsionando a colonização de

Hokkaido (dominação e extermínio do povo Ainu⁹) e a instalação de fábricas em várias regiões do país. Nesse momento deu início ao projeto de implantação do serviço militar obrigatório, formando súditos leais e difundindo ideias nacionalistas e militares, que trouxe grande impacto para as colônias (como no caso de Okinawa, que passa por um processo de apagamento), (Yamashiro, 1993; Itokazu, 2000).

A preocupação em modernizar e delimitar os territórios japoneses, frente à expansão das potências, principalmente a política Czarista da Rússia, acelerou o processo de colonização de Hokkaido e a instalação de fábricas em diversas regiões proporcionando o grande movimento migratório interno das massas desocupadas, que em busca de trabalho e remuneração, foram denominados Dekassegui, termo até hoje utilizado para pessoas que migram em busca de trabalho, (Itokazu, 2000, p. 39).

Isso fez com que muitos agricultores migrassem para as cidades, acontecendo o êxodo rural (dekassegui¹⁰), porém ao irem às cidades acabam se deparando com uma realidade onde não conseguiram se empregar. A pobreza generalizada resultou em atividades complementares à subsistência e práticas como infanticídio para reduzir a fome, mantendo a população em torno de 28 a 30 milhões, (Itokazu, 2000).

O historiador Itokazu (2000) indica que a solução então veio em transferir cidadãos japoneses para fora do país, como mão de obra temporária ou como colonos após invasões. Apesar de o governo japonês não legalizar a emigração de seus súditos, há registros de saídas clandestinas de 1868 para a Ilha de Guam, Filipinas, e um grupo que se dirigiu ao Reino do Havaí. Esse movimento resultou em um acordo entre o Império Japonês e o Havaí, dando início às relações de migrações.

A emigração dos súditos japoneses em terras estrangeiras não era legalizada pelo governo, no entanto, há registros de saídas datadas do ano de 1868 para Ilha de Guam e Filipinas; além de um grupo maior se dirigir clandestinamente para o Reino do Havaí com a finalidade de trabalhar nas lavouras de cana-de-açúcar e abacaxi, ainda no mesmo ano. Em relação à ida para o Reino Independente havaiano, o Império japonês repreendeu a atitude do recrutamento de japoneses não autorizados a sair do país, o que resultou em um acordo entre os dois países, no ano de 1884, tornando-o o maior importador de mão-de-obra japonesa até sua anexação ao Estados Unidos em 1900, (Itokazu, 2000, p. 39).

A imigração representou uma alternativa para parte da população que não encontrava espaço ou oportunidades dentro do país, ajudando a mitigar a pressão

⁹ Povo indígena, originário da Ilha de Hokkaido.

¹⁰ Aquele que deixa sua terra natal para trabalhar temporariamente em outra região ou país.

social e econômica que persiste mesmo após as reformas. Diante da oportunidade de deixar o país, muitos emigrantes saíram em busca de enriquecer, com sonho de posteriormente retornar para sua pátria, tendo poucos, entretanto, alcançados tal objetivo de retornar vitoriosos.

3.2 Kyuzo Toyama, “O pai da imigração okinawana”

Iza yukan
Warera no ie wa
Godaishu
Makoto hitotsu no
Kin sekai seki

Let's set out into the world
Our home is
The five continents
With sincere forth [sic] and determination
Remember the marble stone of Kin
Kyuzo Tōyama

O poema acima de Kyuzo Toyama (1903) fala sobre desbravar o mundo a fora e não ter medo, pois os cinco continentes eram o lar de todos os okinawanos (uchinanchus) também. Com essa visão, Toyama incentivou muitos okinawanos a migrarem ao redor do mundo e deu auxílio a todos que migraram, motivo pelo qual ficou conhecido como o “pai da imigração okinawana”.

As fotos a seguir foram tiradas por Marcel Arakaki Asato ¹¹no mês de novembro em 2023, numa visita a *Hawaii United Okinawa Association* (HUOA) no Havaí, onde participou da reunião da *Okinawan Genealogical Society of Hawaii* (OGSH). Esse monumento localiza no jardim da *Hawaii Okinawa Center* em Waipahu.

A segunda figura podemos observar o monumento de Kyuzo Toyama no centro, olhando para o mapa mundi fazendo a referência ao poema. Já a terceira figura é a placa que conta sobre a história de Toyama e seus ideais para mudar o futuro de Okinawa. Essas duas figuras são muito importantes para compreendermos as motivações e o início da imigração de okinawanos para o mundo.

¹¹ Marcel Arakaki Asato é descendente de okinawanos, médico, grande entusiasta na pesquisa sobre genealogia. No ano de 2022/2023 assumiu o cargo de presidente da Associação Okinawa de Campo Grande – MS, sendo um dos fundadores do grupo de estudos genealógicas na associação.

Figura 2 - Statue of Kyuzo Toyama.



Fonte: Marcel Arakaki Asato (2023).

Figura 3 - In Memory Of Kyuzo Toyama



Fonte: Marcel Arakaki Asato (2023).

A seguir a tradução da placa do monumento “In Memory Of Kyuzo Toyama”:

Kyuzo Toyama nasceu no ano de 1868 na cidade de Kin, na província de Okinawa. Após se graduar no Instituto de Treinamento de Professores de Okinawa, Toyama lecionou em várias escolas de Okinawa. Um tempo depois, ele se opôs à autoridade do governo da época e desistiu da carreira de professor. Ele dedicou-se ao intuito de renovar o modo convencional de educação e os sistemas sociais da comunidade. Também se dedicou ao avanço da agricultura, demonstrando forte liderança política. Como formador de opinião pela liberdade e pelos direitos civis em Okinawa, ele foi bem sucedido em enviar os primeiro imigrantes de Okinawa para o Havaí em 1890. Em 1903, ele é lembrado por dizer as icônica frase: Vamos ir mundo afora, nosso lar são os cinco continentes. Senhor Toyama novamente se mostra um líder nato, ao enviar um segundo grupo de imigrantes para o Havaí. Mais

adiante, o povo de Okinawa condecora suas conquistas e o proclama como “O pai dos Imigrantes”. Ele faleceu em 1910 aos 43 anos, (Kawano, 2023).

Em 1896, Toyama foi para Tokyo para estudar e desenvolver planos efetivos para mudar a situação da população okinawana que estava se expandindo rapidamente enquanto enfrentava escassez de alimentos e recursos (Teruya, 2020). A imigração japonesa já havia começado em 1885 e Toyama descobriu os programas de imigração para o Havaí quando estudou em Tokyo, entre 1896 e 1898, (OKINAWANDO, 2015). *Quando Toyama retornou para Okinawa, ele estava convencido de que a emigração para o exterior poderia ajudar Okinawa a sair de sua terrível situação*, (Teruya, 2020).

Toyama então encontrou uma saída que ajudaria Okinawa a sair da situação de miséria que passava. Porém, ainda haviam vários obstáculos a serem enfrentados até chegar à conquista dos cinco continentes. A primeira barreira seria encontrar uma agência de empregos de imigração que aceitaria enviar okinawanos para o exterior. A segunda, a aprovação pelo governador de Okinawa, que inicialmente se recusou, justificando que os okinawanos iriam se tornar representantes pobres do Japão no exterior e afetaria o renome do império, (Teruya, 2020).

Ele pediu ajuda a uma agência de empregos de imigração em Kyūshū, que enviava pessoas para o exterior. O funcionário disse que a agência ajudaria se Tōyama conseguisse que o governador de Okinawa aprovasse este plano. No entanto, esta não foi uma tarefa fácil porque o governador de Okinawa, Shigeru Narahara, rejeitou a proposta, pois pensava que os okinawanos se tornaram representantes pobres do Japão no exterior. Tōyama recusou-se a desistir e afirmou que algo tinha de ser feito em relação às circunstâncias urgentes de Okinawa, (Teruya, 2020).

Apesar da oposição inicial do governador de Okinawa, Shigeru Narahara, à ideia de emigração liderada por Jahana Noboru e Kyuzo Toyama, foi a mobilização do movimento civil que o levou a conceder uma "autorização experimental" para os trabalhadores em 1899. Esse grupo, liderado por Kyuzo Toyama, partiu em direção às plantações de cana-de-açúcar no Havaí, marcando assim o início da emigração moderna em Okinawa, (AOKB, 2012).

Diante do contexto sócio-econômico, começaram a se espalhar, destacando-se o movimento liderado por Jahana Noboru e Kyuzo Toyama que, entre outras ideias, divulgaram a emigração como alternativa para ajudar as famílias e desenvolver a província. Para amenizar a situação, o governador de Okinawa, Shigeru Narahara, concedeu uma “autorização experimental” a

27 trabalhadores que, liderados por Kyuzo Toyama, em 1899, foram trabalhar nas lavouras de cana de açúcar do Havaí. Esse foi o marco inicial da emigração moderna em Okinawa, (AOKB, 2012, p.35).

Kyuzo Toyama lutou pela migração dos okinawanos não apenas para o Havaí, mas também para várias partes do mundo. Seus esforços foram fundamentais na organização de comunidades, na negociação de acordos favoráveis e no estabelecimento de redes que viabilizaram uma migração expressiva e bem-sucedida para diversas regiões globais.

3.3 Imigração Okinawana no Brasil

“Tempo bom. Quinta-feira. Aportamento nesta manhã em Santos. Chegada às docas às 17 horas. Velocidade: 22 milhas. Total: 12.000 milhas.”
Ryo Mizuno (1908)¹²

A Imigração Okinawana no Brasil tem início no ano de 1908, mesmo ano em que se deu início a imigração japonesa. No dia 18 de julho chegaram no porto de Santos, 781 imigrantes que vieram do Japão, saindo do porto de Kobe, sendo que 325 desses imigrantes eram de Okinawa, (AOKB, 2012, p. 68). Muitos desses imigrantes vieram à procura da “árvore que dá dinheiro” e de voltar vitoriosos para a sua terra natal. Porém a realidade que os esperavam era outra, o que as firmas de migração diziam era pura ilusão. Em uma canção feita por Tomoo Handa podemos compreender os sentimentos que muitos imigrantes passaram:

“Mentiu quem disse que o Brasil era bom
Mentiu a Companhia de Emigração
Do lado oposto da Terra,
cheguei fiado no Paraíso,
para ver o Inferno

Do jeito como vão as coisas,
não passa de puro sonho
o dia do retorno glorioso

Já que o fim é a morte por inanição,
então melhor é ser comido
por onça, por bicho qualquer...”
de Tomoo Handa¹³

¹² HANDA, Tomoo. **O Imigrante Japonês**: História da sua Vida no Brasil. São Paulo, T.A.Queiroz, 1987.

¹³ AOKB. **1 Século de História**: A Comunidade Okinawana no Brasil desde o navio Kasato Maru - 1908 – 2008. São Paulo, Paulo’s Editora. 2012.

Ao atracarem no Porto de Santos, os imigrantes foram direcionados para a Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo. Lá, passaram pela inspeção alfandegária e preparativos antes de seguir para as fazendas no período de 26 de junho a 6 de julho, foram distribuídos como colonos, em seis grandes fazendas: Canaã, Floresta, São Martinho, Guatapar, Dumont e Sobrado. Sendo que os imigrantes okinawanos foram destinados para a fazenda Canaã (conterrâneos da região de Nakagami, que localiza na região central da ilha de Okinawa) e Floresta (conterrâneos de Shimajiri da região sul e Kunigami da região norte), (NOROESTE, 2021).

Os emigrantes do KASATO-MARU que desceram no cais do Armazém 14 do Porto de Santos seguiram de trem rumo  Hospedaria dos Imigrante de São Paulo. L faziam os preparativos para seguir às fazendas, sendo inspecionados pela alfândega e fazendo compras. Nos jornais locais, havia artigos avaliando muito bem os emigrantes japoneses como pela ordem, higiene das roupas e corpo robusto apesar da baixa estatura. Entre 26 de junho a 6 de julho, os emigrantes do KASATO-MARU foram alocados como colonos, junto dos tradutores, nas 6 grandes fazendas: Canaã, Floresta, São Martinho, Guatapar, Dumont e Sobrado. As fazendas foram divididas por região de origem e foram para a Fazenda Canaã somente os okinawanos originários da região de Nakagami (região central da ilha) e para a Fazenda Floresta somente os okinawanos originários de Shimajiri (região sul da ilha) e Kunigami (região norte da ilha), (NOROESTE, 2021).

3.3.1 Karenohoshi¹⁴ - Fazenda Canaã e Fazenda Floresta

“Yonigeseshi
Imin Omouya
Karenohoshi
Penso nos imigrantes
Que fugiram pela noite
Estrelas sobre o descampado”
Uetsuka Hyokotsu

Durante o trajeto, o entusiasmo era grande, pois ficaram deslumbrados com a beleza dos cafezais. Mas, ao chegarem aos seus destinos nas fazendas, depararam-se com uma situao bem diferente da esperada. Logo ficaram desapontados pelas moradias cedidas, que estavam muito abaixo das suas expectativas, (Handa, 1987).

3.3.1.1 Fazenda Canaã

¹⁴  uma das expressões tradicionais do haiku (poema japonês). Evoca, em apenas cinco silabas, a solidão e a angústia causada por uma terra amarga, de campo seco e vegetao morta, e, em contraponto, a vastidão do céu estrelado, (AECNB, 2008, p. 164).

A Fazenda Canaã, localizava-se na Estação Canaã da linha Mogiana, foi um dos destinos dos imigrantes okinawanos, onde começaram a trabalhar nas plantações de café, (Handa, 1987, p. 21). Lá, ingressaram 24 famílias de Okinawa, o que compunha 152 membros. “Na fazenda Canaã havia outras famílias, sendo que 190 italianas, 84 de espanhóis, 2 de austríacos e 6 de portugueses, além de 24 de brasileiros (Brasil imin gojûnen — Os 50 anos da imigração japonesa no Brasil, de Toraji Irie, p. 28)”, (Handa, 1987, p. 55).

Aqui, a paga pela colheita de 1 saco de café de 50 litros era de 500 réis, mas, como na Dumont, os frutos eram poucos. Os imigrantes de Okinawa, que ingressaram na lavoura sob contrato de um ano, suportaram bem tanto o calor quanto a comida pobre (A história dos 40 anos da imigração japonesa no Brasil); eles até chegaram a levar para a fazenda os salames recebidos na Hospedaria; de tal sorte que devem ter aceito a comida gordurosa. Acontece que, atormentados pela dívida dos preparativos de viagem assumida por ocasião da partida do Japão e a impaciência de remeter o mais depressa possível à família, no Japão, os 150 ienes recebidos individualmente, não puderam dedicar-se sossegadamente aos trabalhos da lavoura. E era mais ou menos assim em todos os lugares. Para eles, quando da chegada do Kasato-Maru, gravou-se-lhes na retina "a cor do mar de Santos, que os fez lembrar-se com saudade da paisagem da terra dos seus pais" (História dos 40 anos), havendo quem fugisse, na suposição de que na cidade portuária haveria melhores salários que nas fazendas de café. Conta-se que, depois de chegar a São Paulo, muitos foram a pé até Santos por não terem quase nenhum dinheiro no bolso, (Handa, 1987, p. 44).

As famílias contratadas para trabalhar nos cafezais por cerca de um ano, enfrentaram condições difíceis e perspectivas limitadas de quitação das dívidas, agravadas pela escassez de frutos nas colheitas. A expectativa de enviar dinheiro para seus familiares, somada à dívida acumulada pelas despesas de viagem e as dívidas feitas nas mercearias dentro das fazendas, dificultou a motivação de continuar nos cafezais. A dura realidade enfrentada pelos imigrantes resultou em situações extremas, escolhendo o caminho das fugas das fazendas e a procura de melhores salários na cidade de Santos.

3.3.1.2 Fazenda Floresta

Handa (1987) descreve que a Fazenda Floresta se localizava na Estação Itu, 106 km de distância de São Paulo pela rodovia, foram transferidas 23 famílias okinawanas, uma quantidade de 173 integrantes.

Aqui ingressaram, juntamente com o intérprete Motonao Ohno, que se impôs — como já destaquei — com seu bigode perante os imigrantes, os 173 integrantes das 23 famílias (26, de acordo com a História dos 40 anos). Por exceção, o contrato era de seis meses. Consta que a safra era abundante e que os imigrantes trabalharam com afinco. Entretanto, também eles tinham o mesmo desejo de remeter ainda naquele ano as dívidas de viagem deixadas no Japão, de modo que o ganho não podia ser considerado satisfatório; em tais circunstâncias, mesmo sob contrato de seis meses a impaciência tomava conta de todos. Depois de muita inquietação foram levados pelo sonho de ganho fácil e fugiram, (Handa, 1987, p. 46).

Do sonho ao pesadelo, a realidade encontrada era desesperadora, ao invés de enriquecer e voltar prósperos para terra natal, se tornou o inferno de dívidas e uma vida sub-humana. Como esboça o depoimento de uma imigrante, *“Os lavradores não recebiam tratamento de trabalhadores. ‘Os salários eram mínimos e as refeições ínfimas, tanto que cheguei a acordar para trabalhar às 2h da manhã, a fim de melhorar um pouco os rendimentos”*, (Handa, 1987, p. 54)¹⁵.

Essa foi a realidade de muitos imigrantes, não somente dos okinawanos, mas de toda imigração japonesa.

3.4 Como se deu o início da imigração a Campo Grande, MS?

“Peço licença
 Minha senhor e meu senhora
 Pai, minha mãe das doces águas
 Vô e avó, peço sua benção
 Eu vim de longe
 Vim de um reino do passado
 Pra plantar feijão, quiabo
 Milho, couve, amor, amora”
 Permissão, Victor Kinjo

Nesta seção aprofunda-se sobre a imigração okinawana para atual cidade de Campo Grande, hoje capital do estado do Mato Grosso do Sul.

3.4.1 A Estrada de Ferro Noroeste

Muitos dos imigrantes que fugiram ou que finalizaram o tempo do contrato das fazendas procuraram um recomeço no porto de Santos, esse foi o caso de muitos dos

¹⁵ Depoimento relatado no livro de Um século de História - A comunidade okinawana no brasil desde o navio Kasato Maru (1908 - 2008), tem o relato de Kame Hokama, que trabalhou na Fazenda Floresta, (Handa, 1987, p. 54).

imigrantes okinawanos. Em um capítulo dedicados aos okinawanos em Campo Grande, Tomoo Handa escreve:

Uma notícia encorajadora vinda de Santos exaltou os ânimos dos imigrantes da primeira leva, bastante desiludidos com a pouca perspectiva oferecida pelas fazendas cafeeiras no Estado de São Paulo. Tratava-se de um serviço nas obras de construção de ferrovias no Estado de Mato Grosso, com remuneração bastante compensadora. Um dia de trabalho garantiria praticamente o mesmo ganho de um mês inteiro no Japão. Para os imigrantes que vieram com a finalidade de enriquecer, e para isso contraíram dívidas para a compra da passagem, com financiamento a juros muito altos, essa era uma oportunidade que não poderiam deixar escapar, (Handa, 1987, p.387).

Permeada por incertezas e desafios, os 75 imigrantes que da sua maioria eram oriundos de Okinawa, além de outros provenientes da província de Kagoshima vindos da Fazenda Floresta em Itu, saíram em rumo à "Terra da Promissão". A partida se deu pelo porto de Santos, embarcando em um navio cargueiro fretado pela companhia ferroviária responsável pela construção da Ferrovia Noroeste do Brasil. Após uma jornada de 26 dias, navegaram por extensões do oceano Atlântico, passando pelo estuário do rio da Prata e adentrando território argentino até alcançar o rio Paraguai, onde atracaram no Porto Esperança, chegando na almejada base para as obras ferroviárias do Estado de Mato Grosso. Como descreve o autor Handa (1987):

Apesar das grandes perspectivas, ninguém sabia ao certo que tipo de lugar era esse tão falado estado. Sabiam somente que fazia parte do território brasileiro e que lá chegariam de navio. Contudo, nem as dificuldades do transporte, e muito menos a incerteza dos dias necessários para lá chegar, conseguiram arrefecer o ânimo dos homens ávidos por um serviço mais compensador. E assim muitos se puseram em marcha, rumo à "Terra da Promissão", da mesma forma que os antigos bandeirantes excitados pela notícia da descoberta de minas de ouro e indiferentes à longa distância a ser vencida. Os primeiros a entrar em ação constituíram um grupo de 75 imigrantes, composto principalmente de okinawanos originários da Fazenda Floresta da estação de Itu e alguns outros provenientes da província de Kagoshima, desertores de outras fazendas (também faziam parte do grupo duas mulheres), que acorreram a Santos. Partiram todos num pequeno navio cargueiro, fretado pela companhia construtora da ferrovia, que levava inclusive materiais para a sua construção. O navio rumou para o sul pelo oceano Atlântico, até chegar ao estuário do rio da Prata. De lá, seguiram rio acima, percorrendo uma parte do território argentino, até a altura da confluência com o rio Paraguai, pelo qual seguiram até o seu destino, Porto Esperança. A viagem não foi das mais fáceis. Na altura de Montevidéu, o navio foi assolado por uma violenta tempestade, da qual conseguiu escapar milagrosamente. Já se tinham passado 26 dias quando, finalmente, aportaram em Porto Esperança, novamente em território brasileiro. Enfim estavam ali, na almejada base das obras ferroviárias do Estado de Mato Grosso, (Handa, 1987, p. 388).

A construção da linha Noroeste chegou ao seu término em 1915, convergindo na estação chamada de Ligação, localizada entre Campo Grande e Ribas do Rio Pardo. Esse ponto representou o encontro das obras que avançavam tanto do oeste, partindo de Itapura, quanto do leste, vindas de Porto Esperança.

Apesar das vítimas e das inúmeras baixas, as obras da linha Noroeste foram finalmente concluídas em 1915, no encontro na estação apropriadamente denominada de Ligação (justamente entre Campo Grande e Ribas do Rio Pardo), onde confluíram as obras que a partir de Itapura rumavam para oeste e as que vinham, rumo leste, a partir de Porto Esperança. A histórica estação ainda hoje permanece no mesmo local, solitária, no meio de um bucólico e amplo pasto. Já na fase de conclusão das obras, os poucos sobreviventes daquele grupo dos "75", imigrantes da primeira leva, haviam praticamente se dissipado, com exceção de um casal e um solteiro. Alguns se deslocaram para a Argentina, enquanto outros, tencionando retornar à pátria, seguiram a linha Noroeste, de volta à cidade de São Paulo. O casal remanescente continua até hoje a serviço da estrada de ferro, fornecendo lenhas e dormentes. Portanto, são esses os mais antigos moradores okinawanos da região, (NOROESTE, 2021).

A migração dos imigrantes okinawanos em direção a Santos, na busca por novas oportunidades nas obras ferroviárias do Estado de Mato Grosso, revela uma jornada repleta de esperanças e desafios singulares. O percurso desses pioneiros por territórios desconhecidos, enfrentando incertezas sobre o futuro e superando adversidades, destaca a determinação e bravura desses pioneiros que almejavam melhores condições de vida. A conclusão das obras da linha Noroeste em 1915 marcou não apenas o fim de um empreendimento, mas o início de um novo começo.

3.4.2 Fixação em Campo Grande MS

Dentre os inúmeros motivos para a fixação dos imigrantes okinawanos em Campo Grande, o que mais se exalta são dois pontos específicos: o primeiro ponto é o fato de que findou-se nas proximidades de Campo Grande a construção deste trecho das linhas de ferro Noroeste, deixando os imigrantes já situados no atual local. O segundo ponto foi o local que encontraram em Campo Grande: A cidade tinha, ao seu redor, campos verdes e uma excelente topografia. Também havia a promessa de futuro investimento através dos projetos da construção do quartel neste local, (Handa, 1987). Conforme narra o próprio autor em suas palavras:

O que fez com que os japoneses se estabelecessem e construíssem os alicerces de sua economia em Campo Grande foi a possibilidade de

colonização da mata virgem dos arredores da cidade. Os imigrantes peruanos que ali chegaram, via Chile e Argentina, acompanhando as obras da ferrovia, quando descobriram o planalto de Campo Grande e a mata dos seus arredores, sem sombra de dúvida tiveram a convicção de que ali certamente o seu futuro floresceria. A seu favor encontraram os preços dos lotes mais que acessíveis. Os preços dos alimentos eram exorbitantes, na medida em que eram transportados de longe, uma vez que não havia nenhum tipo de agricultura na região. Com a poupança adquirida nos árduos dias da obra ferroviária, os japoneses começaram a percorrer a floresta dia após dia, à procura de terrenos adequados, (Handa, 1987, p. 392 - 393).

Diante das dificuldades já encontradas pelos imigrantes okinawanos, sejam aquele advindos dos países vizinhos ou por aqueles que fizeram todo o caminho pelo interior do Brasil, a visão de Campo Grande como local era algo que fazia-os sonhar. O convite para que ficassem e criassem raízes naquela cidade tinha inúmeros pontos positivos, como acima apresentados. E não havia motivos para que tentassem encontrar outro local.

3.4.2.1 Primeiros Anos, fixação rural e urbana e crescimento

Muitas das primeiras terras compradas ao redor de Campo Grande, na época cidade do Mato Grosso, foram adquiridas inicialmente através das economias feitas pelos imigrantes durante a própria construção da estrada de ferro, (AOKB, 2012, p. 85). O intento de iniciar-se na atividade rural era um sonho embasado nos relatos da sessão anterior, onde Campo Grande parecia ser um convite para ser uma terra de plantio. Numa analogia de que crescer-se-ia a terra no mesmo local onde também iria crescer e evoluir a vida de cada um dos imigrantes.

Como narra os dados colhidos no livro “Um Século de História: A comunidade Okinawana no Brasil desde o navio Kasato Maru”:

Kosho Yamashi e Shiei Miyahira, que iniciaram o plantio de verduras e legumes, no bairro de Dom Aquino; o casal Kamado e Uto Oshiro (Kasato Maru) que, no ano de 1914, adquiriram terras em sociedade, nos arredores da cidade, onde se dedicaram à horticultura. No ano seguinte, 1915, Kisa Akamine, Ushi Hokama e Toku Akamine (Kasato Maru) compraram 17,5 hectares de terras, onde implantaram um núcleo colonial que se dedicou ao plantio de arroz, milho e verduras. Nessa segunda metade da década de 1910, houve crescimento dos núcleos coloniais japoneses. E o casal Bisaburo e Kame Arakaki se dedicou ao cultivo de hortaliças, em larga escala, apostado na incorporação do consumo de vegetais nos hábitos alimentares brasileiros. Em 1918, Inanaga Arakaki, Inagyū Arakaki e Inakichi Arakaki, juntamente com Seiko Yonamine (Kanagawa Maru), formaram a Colônia Bandeira, voltada ao cultivo de legumes, tendo se tornando o maior abastecedor de Campo Grande/MT, na década de 1930. Nessa época, a

Colônia de Bandeira era composta por 30 famílias que praticavam a agricultura, a suinocultura e a avicultura, (AOKB, 2012, p. 85).

Quando em se tratando da inserção urbana dos imigrantes, vemos uma progressão um pouco mais lenta e contida. Muitas vezes, surgiam como serviços extras realizados por esposas que “aproveitando os raros intervalos na educação de seus filhos, valiam-se de sabão, escova, uma tábua deitada(...), a fim de ajudar as contas domésticas trabalhando como lavadeiras”, (AECNB, 2008, p. 108).

Algumas profissões começam a ganhar representantes dentre os imigrantes conforme os anos passam, havendo registros deles em ofícios diversos da cidade, tais quais; cabelereiros, hoteleiros, taxistas, marceneiros, comerciantes, parteiros e donos de bar (AECNB, 2008, p. 108 – 109). Também destaca-se, em mesma citação, como o crescimento da cidade em conjunto exige que mais trabalhadores sejam contratados, uma que a “instalação da sede da 9ª Circunscrição Militar do Exército (...) fez muitos homens buscarem as profissões de pedreiro, marceneiro, ajudante geral etc., nas obras de construção de suas instalações”, (AECNB, 2008, p. 108).

Por fim, assentadas as famílias dentro de novas profissões, assumindo novos ofícios e se estabelecendo dentro de uma sociedade que começa a crescer, fruto de investimentos como a estrada de ferro Noroeste e a instalação de um novo quartel militar, as comunidades imigrantes começam a se enraizar na cidade. Suas famílias começam a ser formadas e a crescerem diante de um cenário que torna-se, de certa forma promissor, surgindo assim um vislumbre dos primeiros descendentes de okinawanos.

Quando em se tratando de suas vivências e da forma com a qual os imigrantes fizeram com que seus filhos se inserissem na sociedade, temos o seguinte registro:

Os okinawanos que chegaram à estabilidade econômica através delas, foram de desenvolvendo uma outra forma de subsistência futura, mandando seus filhos e descendentes para o ensino médio ou para o ensino técnico, que habilitou-os a desempenhar profissões técnicas atividades administrativas ou profissões liberais, como Medicina ou Advocacia, (AOKB, 2012, p. 183).

Assim, há, com o passar dos anos, uma mescla que se torna cada vez mais homogênea da comunidade okinawana dentro da população campo-grandense. Hoje, temos imigrantes atuando em praticamente todas as áreas de ofício na cidade.

Ademais, inúmeras entidades surgem ao decorrer dos anos dentro da capital, como reflexos da presença de okinawanos, tais quais:

A Escola Visconde de Cairu, fundada em 1918 com o nome de “Escola de Língua Japonesa de Campo Grande”, depois renomeada para o atual nome em 1927; a Associação Okinawa de Campo Grande, fundada em 1922; a Cooperativa Agrícola, fundada em 1935, (AECNB, 2008, p.208 – 212).

4 A INFLUÊNCIA NA CULTURA CAMPO-GRANDENSE MS

Quando falamos, portanto, da historicidade por trás dos fatos que trouxeram os imigrantes de um arquipélago anexado ao território japonês para a cidade de Campo Grande, é preciso retornar até suas origens para entender as várias facetas das consequências da imigração deste povo na cidade. Ao que fora tratado nos capítulos anteriores deste trabalho acadêmico. Basta, portanto, agora, enaltecer como e em que intensidade, os costumes, hábitos e tradições dos imigrantes okinawanos se conectaram à cidade.

Em contexto, Michel de Certeau, historiador e erudito, fala sobre como o “Homem Ordinário” leva seu lugar na história. Sobre como é imperativo que, para a solidificação dos fatos e para a continuidade da humanidade, é preciso que a sociedade se mova através de seu herói quantitativo, a massa social que, através do tempo e da vivência, avançam. Como narra o próprio pensador em “A Invenção do Cotidiano”, (Certeau, 1990, p. 57 - 58):

Este herói anônimo vem de muito longe. É o murmúrio das sociedades. De todo o tempo, anterior aos textos. Nem os espera. Zomba deles. Mas, nas representações escritas, vai progredindo. Pouco a pouco ocupa o centro de nossas cenas científicas. Os projetores abandonaram os atores donos de nomes próprios e de brasões sociais para voltar-se ao coro dos figurantes amontoados dos lados, e depois fixar-se enfim na multidão do público. Sociologização e antropogização da pesquisa privilegiam o anônimo e o cotidiano onde zooms destacam detalhes metonímicos - partes tomadas pelo todo. (...) Trata-se da multidão móvel e contínua, adensamento aglomerada com pano inconsútil, uma multidão de heróis quantificados que perdem nomes e rostos tornando-se a linguagem móvel de cálculos e racionalidades que não pertencem a ninguém.

O estudo da imigração okinawana em Campo Grande e a influência gerada pela escolha deles em se estabelecerem nesta cidade é nada mais que o estudo dos “homens ordinários”, tão citados pela pesquisa do autor francês sobre o cotidiano e a

ação do homem em processos considerados, por aqueles que não estudam sobre as consequências deles, banais. Desde sua chegada ao Estado, o imigrante gerou, através da cultura anexada a si no seu local de origem, na ilha de Okinawa; a chegada também da sua história e cultura para seu novo lar.

Também é válido dar destaque que pode assimilar-se o material de estudo do autor quando colocamos em comparativo a presença de traços da cultura abraçados pelos moradores locais, muitos que nem mesmo tinham contato direto com ela anteriormente. Exemplo típico é o prato gastronômico Sobá, ao que cita o autor, como ele se mescla na sociedade pelo seu uso e repetição dentro do cotidiano, “a presença e a circulação de uma representação (...) não indicam de modo algum o que ela é para seus usuários. É ainda necessário analisar a sua manipulação pelos praticantes que não a fabricam”, (Certeau, 1990, p. 40).

Dentro deste mesmo parâmetro, Chartier, outro renomado historiador francês, quando em destrinchando a visão mais sólida e imutável da história, acaba por comentar sobre como podemos partir de uma análise histórica invertida, na qual observamos um texto, uma ação ou um fenômeno social e buscamos o seu passado histórico. Ao que completa o próprio autor que “Partir assim dos objetos, das formas, dos códigos, e não dos grupos, leva a considerar que a história sociocultural repousou demasiadamente sobre uma concepção mutilada do social”, (Chartier, 1991, p. 180).

E ainda acrescenta Chartier, numa interpretação sobre novos usos para as mesmas coisas embasando-se no cultural de uma nova sociedade, (Chartier, 1991, p. 186 - 187):

Os dois exemplos levam a considerar as diferenciações culturais, não como a tradução de divisões estáticas e imóveis, mas como o efeito de processos dinâmicos. Por um lado, a transformação das formas através das quais um texto é proposto autoriza recepções inéditas, logo cria novos públicos e novos usos. Por outro, a partilha dos mesmos bens culturais pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade suscita a busca de novas distinções, capazes de marcar os desvios mantidos.

A culinária de Campo Grande é diversa com influências de migrantes que acabaram se fixando na cidade. Podemos observar a influência Paraguaia (chipa, sopa paraguaia), Sírio e Libanesa (tabule, kibe, esfiha), gaúcha (churrasco, música), e, assim como elas, também a gastronomia japonesa, muito destacada pela presença dos imigrantes okinawanos.

No mesmo exemplo do sobá, quando uma nova sociedade (campo-grandense) recepciona o prato imigrante (okinawano) e o molda para o próprio gosto. Fazendo assim, uma amálgama cultural entre dois povos.

4.1 O Sobá

Em se tratando de popularidade, o sobá é, certamente, a influência okinawana que mais ganha destaque na cidade de Campo Grande. Através do Decreto Municipal 9.685 de 18 de julho de 2006, o prato foi tombado como patrimônio imaterial de Campo Grande pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), devido tamanha a sua importância dentro da cidade.

Antes de, apropriadamente, citar a sua influência na cidade, é preciso recapitular um pouco os passos do prato, até mesmo antes de sua chegada juntamente dos imigrantes. Segundo o texto publicado no website Food in Japan:

O Okinawa Sobá tem suas raízes na era do Reino de Ryukyu, período em que Okinawa era independente antes de se tornar parte do Japão. Durante este tempo, o reino de Ryukyu tinha relações de comércio ativas com a China, havendo assim a especulação que os pratos com macarrão chinês influenciaram as primeiras formas do sobá. Narrativas históricas sugerem que ele era, inicialmente, um prato de luxo servido apenas para a corte real e em casas de ricos comerciantes, uma vez que trigo era uma matéria prima cara importada da china na época, (FOOD IN JAPAN, 2023)¹⁶.

O passado rico em comércio da ilha de Okinawa é um reflexo da originalidade de um de seus pratos mais típicos. O sobá então se populariza em toda a região de Okinawa com o passar dos anos e como implicação dos efeitos da dominação japonesa e posterior contato com a segunda guerra mundial. Como reflexo desta popularização, nos encontramos, por fim, com a vinda do Sobá para o Brasil, junto dos imigrantes okinawanos.

Conforme apontam-se os registros, as primeiras menções sobre a venda do sobá em Campo Grande regressam a 1954, sob o nome de Eiho Tomoyose. Todavia, temos uma popularização do sobá apenas em 1964 quando Hiroshi Katsuren e seu irmão Tsiyoshin Katsuren abrem barracas na Feira central livre de Campo Grande, (Cruz e Toyama, 2020).

Enfatiza-se que, no início, a intenção inicial da venda do sobá era apenas voltada para os próprios imigrantes e descendentes, tanto que a barraca tinha estruturas montadas com varais e panos esticados como se fossem “cortinas”, uma vez que os descendentes tinham vergonha de comerem o prato até então exótico, ainda mais que eram utilizados os “palitinhos de bambu” para comê-los. Contudo, as cortinas tiveram um efeito reverso, atiçando a curiosidade do campo-grandense que visitava a Feira Central. Logo, o prato começa a ser consumido por locais não-descendentes e sua popularização desponta, (Luna Kubota, 2008, p. 3).

Uma vez popularizado o prato, houve muita desinformação e divergências com relação à sua origem e receita. Ressalta-se, que o prato de onde deriva o Sobá de Campo Grande - o Okinawa Sobá -, como o próprio nome já diz, advém da ilha de Okinawa. E diferencia-se, daí, do prato Sobá consumido no resto do Japão. Como narra, para confirmar, Luna Kubota:

O termo soba refere-se ao tipo de macarrão utilizado na preparação do prato. No entanto, deve-se ressaltar que no Japão, sobá é feito com uma espécie específica de trigo, conhecida como “sarraceno”, o que não ocorre com o soba de Okinawa, feito à base de trigo comum. O prato caracteriza-se como um caldo, que contém, além do macarrão, carne de porco e alguns temperos, (Luna Kubota, 2008, p. 2).

Também surge, mais adiante, o tombamento do prato pelo lphan, que o apresenta com mais um modelo diferente. Ele vem citado como um caldo à base de carne bovina, macarrão de trigo branco, omelete cortado em tiras, cebolinha e carne bovina. O sobá de Campo Grande, hoje em dia, e como descrito no texto da norma que o torna um patrimônio imaterial, já tem diferenciação com o prato trazido de Okinawa. Uma adaptabilidade local, uma vez que o consumo de carne bovina no Brasil é muito maior que o consumido em Okinawa, em disparidade com o consumo de carne suína.

Todavia, a mudança deste prato ainda não o torna distante da comunidade okinawana em Campo Grande, ao que cita Lenita (2013, p. 102 – 103):

...Pode-se notar que o sobá é o elemento mais representativo da relação dos campo-grandenses com a imigração japonesa. Todas as feiras livres de Campo Grande possuem barracas de sobá, geralmente lideradas por filhos ou netos de japoneses. Essa relação começa com a vinda dos okinawanos, no pós-guerra. (...) A aceitação do sobá como patrimônio campo-grandense é praticamente uma declaração de aceitação do imigrante japonês, mesmo que essa aceitação tenha se elaborado quase um século depois dos primeiros imigrantes pisarem em terras sul-mato-grossenses.

Hoje em dia, Campo Grande tem um número incontável de estabelecimentos comerciais gastronômicos que vendem Sobá. Desde lanchonetes e restaurantes comuns dentro dos bairros até a icônica Feira Central, berço do Sobá campo-grandense. A influência deste prato de Okinawa na cidade é tão grande que até mesmo o termo “sobaria”, indicado como um restaurante especializado no prato Sobá, surge e torna-se popular na cidade.

4.2 O Moai

Uma vez que os imigrantes chegam e começam a povoar o local, muitos deles começam a estabelecer metas e planos de vida. Tentativas de carreira e de crescimento econômico, sejam como agricultores, comerciantes ou prestadores de serviços. Contudo, para tal, muitas vezes, era necessário um capital inicial. Dentro deste escopo, pergunta-se: Quais seriam os bancos benevolentes o suficiente para ceder crédito para imigrantes que vieram, muitas vezes, sem nem mesmo ter o que comer pelos próximos dias?

Haviam, sempre, aqueles que tinham padrinhos ou parentes que vieram anteriormente, prontos para emprestarem capital para o início de suas novas vidas. Todavia, para grande maioria, não havia tal luxo. Surge, então, o moai. Como um misto de uma função econômica e parte dos princípios que vieram juntamente dos imigrantes, como narra o texto da AOKB (2012, p. 183):

Como já citada, a imigração urbana dos okinawanos fez bom uso das características culturais da Província, representada pelo espírito do “*yuimaru*” (assistência mútua). Na prática, consistiu da organização dos “mue”, como eram chamados os “tanomoshis” (espécie de consórcios praticados no Japão, onde o prêmio era dado em espécie). No processo inicial de deslocamento e fixação nas cidades, os tanomoshis ofereciam oportunidades para obtenção de capital e independência econômica. Com isso, conseguiram meios para a aquisição de terrenos e casas, compras de bens de produção (automóveis e recursos para expansão dos negócios) e educação dos filhos, contribuindo largamente para o sucesso econômico dos nossos kenjin.

Com o crescimento populacional da cidade e com a instalação do quartel militar em Campo Grande, a demanda por verduras cresce gradualmente. Houve, portanto, a oportunidade do surgimento de novos agricultores ao redor da cidade. Para iniciar

suas carreiras, há a necessidade do moai, uma associação de financiamento mútuo, muito parecida com os consórcios, (Handa, 1987).

Também dispõe sobre o assunto, com uma explicação mais ampla do processo de desenvolvimento da ferramenta econômica, Takayasu:

'Moai' é uma organização financeira de ajuda mútua, que veio se difundindo na população desde os tempos antigos, com o objetivo de ter uma flexibilidade financeira. Na palavra okinawana também se fala muê, yurê, tanomoshikō. É um sistema onde forma-se um grupo de pessoas por um prazo determinado, periodicamente é arrecadado um valor determinado, que é pago à pessoa contemplada por sorteio ou por lance. Após todos do grupo serem contemplados, o grupo é desfeito. (...) Os imigrantes uchinanchus usaram intensamente este muê, ajudando-se mutuamente, formando fundos financeiros para iniciar negócios ou fundos de subsistência, (Takayasu, 2023, p.36).

A cultura do consórcio casual entre amigos que adveio com os imigrantes okinawanos como forma de conseguirem poder de crédito monetário; o “moai”, também é uma herança dos primeiros imigrantes. E torna-se ainda hoje, uma cultura comum em muitos círculos sociais de Campo Grande, vários deles não relacionados à colônia asiática.

4.3 Cooperativa Agrícola

Jacyara de Souza, citando Piva, aponta que, em 5 de maio de 1935, a COOP Grande - Cooperativa Agrícola de Campo Grande Ltda, composta por mais de cem imigrantes okinawanos, foi criada com o intuito de criar uma plataforma mais ampla e benéfica para os produtores agrícolas, com enfoque no arroz, feijão, milho, batata e café, (Piva, 2001 *apud* Souza, 2017). Os imigrantes okinawanos estabeleceram diversas colônias agrícolas nos arredores da cidade a partir do início do século XX. Com o intuito de se protegerem de concorrências prejudiciais e da queda de preços de suas produções, os agricultores iniciaram negociações para criar uma entidade de cooperação e auxílio mútuo. A fundação da Cooperativa Agrícola de Campo Grande foi o resultado.

Destaca-se o esforço de Jinsiro Guenka na divulgação e persuasão para a adesão à Cooperativa por parte dos membros das colônias. A liderança foi formada por Takemori Oshiro como presidente, Kokichi Guenka como tesoureiro, Gonsiro Nakao para o controle contábil, e Hiyoshi Katayama e Saburo Gibo como membros do

Conselho, além de representantes de cada colônia criada em Campo Grande. É importante mencionar aqui que grande maioria dos nomes que assumem a diretoria são provenientes de Okinawa, (AOCG, 2019).

Ao longo de sua história, a Cooperativa enfrentou desafios relacionados à economia nacional e fatores climáticos, como a grande estiagem de 1944 que afetou gravemente a produção agrícola dos cooperados, levando a Cooperativa a uma situação deficitária. No entanto, os cooperados, cientes dessas adversidades, decidiram assumir praticamente o passivo por meio de contribuições, poupanças compulsórias, entre outras medidas, permitindo a recuperação da Cooperativa, (AOCG, 2019).

Cláudia Regina de Brito (2000), coloca que o consumo de produtos hortifrutigranjeiros foi introduzido pelos japoneses (uma coparticipação entre as colônias okinawanas e não okinawanas), que se tornaram, na década de 1920, as principais fornecedoras de verduras e legumes para Campo Grande. A produção desses núcleos possibilitou a popularização do consumo de hortaliças na dieta dos campo-grandenses à época.

O trabalho e o consumo de produtos hortifrutigranjeiros foram praticamente introduzidos em Campo Grande pelos japoneses. Anteriormente, esses produtos eram trazidos de outras localidades, chegando com preços altos e já bastante danificados por tratar-se de mercadoria perecível. As verduras produzidas pelos japoneses eram vendidas pelas mulheres que percorriam as ruas em carroças anunciando sua mercadoria. Comercializavam-nas também nas feiras livres aos domingos e quintas feiras, onde hoje está localizado o Mercado Municipal, à rua 7 de setembro. Além das verduras, foi muito comum também, entre os japoneses, a plantação de cana-de-açúcar para a produção de aguardente, (Brito, 2000, p. 65).

A Cooperativa Agrícola de Campo Grande, é uma das evidências do impacto dos imigrantes de Okinawa na região. Essa iniciativa não só representou um esforço conjunto (*yuimaru*) dos imigrantes, mas também mostrou a determinação de construir uma base sólida para suas comunidades. O envolvimento ativo dos líderes okinawanos na gestão da cooperativa não apenas destaca a contribuição deles, mas também revela o papel vital que desempenharam ao buscar soluções em momentos desafiadores, como em períodos econômicos difíceis e condições climáticas adversas. Além disso, a influência cultural dos imigrantes, é notável na introdução do consumo de vegetais na cidade, mudando os hábitos alimentares e impactando a

economia local. Esse legado perdura, destacando a resistência e a influência positiva desses grupos na construção da história e identidade de Campo Grande.

4.4 Associação Okinawa de Campo Grande

Inicia-se a seção deste texto acadêmico com uma citação que explica, de forma sucinta, as raízes mais simples e esclarecedoras para o surgimento da Associação Okinawa de Campo Grande:

Entre 1917 e 1918, um número surpreendente de imigrantes de Okinawa entrou no Brasil. Praticamente todos eles reuniram-se em torno de imigrantes de sua terra natal já instalados no país, principalmente em Santos, Juquiá e Campo Grande. Quando um grande número de patrícios se reúne, a consequência natural é a necessidade de cooperação mútua, gerando a organização de uma Okinawa Kenjinkai (associação dos provincianos de Okinawa), (AECNB, 2008, p. 110).

A fundação da Associação Okinawa de Campo Grande (AOCG), teria sido constituída no ano de 1922, tendo como seu primeiro presidente a figura de Kame Chinen. Na época, anexada nas dependências da Escola Visconde de Cairu, (AOCG, 2008, p. 243).

Mais adiante, visando o crescimento da associação e tendo em ciência a necessidade de uma sede própria, futuras presidências assumem a missão de realizar a construção da Associação Okinawa de Campo Grande fora das dependências da escola. A AOCG (2008, p. 247 – 248) narra, sob sua própria história:

Dessa forma, sob a liderança de Oshiro Takemori (...), parte dos membros da Comunidade de Okinawa, nesta cidade, começou a desenvolver intensas atividades com vistas a viabilizar a construção da sede própria da Associação, até que, com a doação de parte de terrenos pelo líder Takemori, e aquisição de outros, contíguos, com recursos cotizados e angariados através de inúmeras promoções desenvolvidas pela diretoria, associados e membros da comunidade de então, conseguiram iniciar a obra, que demandou cerca de seis anos, culminando com sua inauguração em 17 de setembro de 1966.

Sua construção fora realizada por seus próprios membros, em sistemas de “mutirão”, marcados em horários e datas nas quais os associados conseguiam colaborar nas obras, (AOCG, 2008). A Associação Okinawa de Campo Grande se consolidou e mantém suas atividades até a atualidade, recebendo descendentes, imigrantes e simpatizantes de Okinawa.

Ela se mantém como um pilar na preservação de sua história e cultura, realizando relações acadêmicas, diplomáticas, comunitárias, culturais e sociais com a província de Okinawa de forma geral, através de contatos com prefeituras, governadoria, universidades e entidades de cunho socioculturais. A associação oferece aulas e treinos de inúmeras atividades relacionadas a sua terra natal, tais quais: Aulas de sanshin, um instrumento de três cordas típico de Okinawa; treinos de eisá taiko, uma dança okinawana realizada com tambores, assobios e gritos; treinos de buyo, um estilo clássico de dança okinawana e vários outros, (Kawano, 2023).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar, pesquisar, coletar dados e referências para a construção deste trabalho de conclusão de curso me fez entender mais sobre as origens de minha própria família e sobre como seus pais, avós, irmãos, primos e parentes tiveram um árduo caminho para chegarem até Campo Grande e decidirem aqui se instalar.

Saber que o reflexo desta longa jornada e dos anos de dedicação para construir um lar nesta cidade, capital do estado de Mato Grosso do Sul, reverbera até hoje, várias gerações adiante, é prova viva de que a história é construída por pessoas. De que decisões de indivíduos, no coletivo, movem o curso da humanidade e estabelecem curvas impensáveis a início. Afinal, difícil seria para qualquer morador de Okinawa, um século e meio atrás, imaginar que seus descendentes estariam espalhados por todo o mundo. Ocupando, por exemplo, posições de destaque na sociedade em uma cidade num continente que fica do outro lado do mundo.

As implementações sociais da influência dos imigrantes estão vivas na cidade. Seja na forma do Sobá como prato típico, seja na forma do moai como consórcio informal, seja na forma das inúmeras instituições que foram formadas, erguidas e aprimoradas por descendentes de Okinawa. A preservação e o estudo da história destes imigrantes é uma joia que não se pode perder, uma vez que elas guardam anos de luta e dedicação de um povo sofrido, que ainda assim tem a força para escolher um novo caminho.

Garante-se, assim, a preservação de sua história cultural; guardada nas suas conversas no antigo idioma de Okinawa, nos pratos gastronômicos reproduzidos na cidade, nas apresentações artísticas advindas de treinos ministrados pela Associação Okinawa de Campo Grande, nas histórias escutadas de pais e avós e repassadas

adiante; sobre o assentamento e sobre o crescimento de cada família dentro da cidade de Campo Grande.

Como já citado anteriormente, Stuart Hall (2008, p. 110) enaltece como a identidade fica aparente quando colocada à sua adversidade. Quando encontra uma cultura ou sociedade dispare daquela a qual quer se assertar a identidade. Como tal, é uma missão social da comunidade okinawana em Campo Grande, na figura de suas entidades, líderes e documentos; divulgar, enaltecer e ensinar sobre sua própria existência e sobre a forma com a qual seu povo somou no coeficiente cultural e social da cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

REFERÊNCIAS

- AECNB. **Ayumi**: A Saga da Colônia Japonesa em Campo Grande. Campo Grande, 2008.
- AOCG. **Terra de Esperança Kibo no Daitsi**. Campo Grande, Life Editora, 2019.
- AOKB. **1 Século de História**: A Comunidade Okinawana no Brasil desde o navio Kasato Maru - 1908 – 2008. São Paulo, Paulo's Editora. 2012.
- AOKB. **90 anos desde o Kasato Maru**: Imigração Okinawana ao Brasil. São Paulo, 1998.
- BARROS, José D'Assunção. "**A História Cultural e a Contribuição de Roger Chartier**" In: Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **A Sociedade Individualizada**: vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BRITO, Claudia Regina. **Escola de Japoneses**: a construção da etnicidade em Mato Grosso do Sul. Campo Grande - MS: UNIDERP, 2000.
- CALADO, Lenita Maria Rodrigues. **Era uma feira aonde a gente ia de chinelo: Campo Grande e sua Feira Livre Central** – Dourados - MS: Ed. UFGD, 2013.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano**: artes de fazer. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- CHARTIER, R. **O mundo como representação**. Estudos Avançados. São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, Jan/Abr, 1991.
- CRUZ, R. L.; TOYAMA, J. **Uma porção do Japão em Campo Grande?** O sobá enquanto memória, experiência de consumo e imaginário. Equatorial, v. 7, 2020.
- FOOD IN JAPAN. **Okinawa Soba**. 31 jul. 2023. Disponível em: <https://www.foodinjapan.org/kyushu/okinawa/okinawa-soba/>. Acesso em: 19 de nov. 2023
- HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** In: SILVA, Tomaz. T. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2008. cap.3, p.103-133.
- HANDA, Tomoo. **O Imigrante Japonês**: História da sua Vida no Brasil. São Paulo, T.A. Queiroz, 1987.
- HIGA, Laís Miwa. **Umi nu Kanata – Do Outro Lado do Mar**: história e diferença na "comunidade okinawana brasileira". Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) – USP. São Paulo, 2015.

ITOKAZU, Newton. As Razões da Emigração dos Okinawanos. In: AOKB. **90 anos desde o Kasato Maru**: Imigração Okinawana ao Brasil. São Paulo, p. 33-55, 2000.

LUNA KUBOTA, Nádía Fujiko. **Caminhos do Sobá: De Okinawa a Campo Grande**. In: 28ª Reunião Brasileira de Antropologia - Desafios Antropológicos Contemporâneos, 2012, São Paulo. 28ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2012.

NOROESTE BRAZIL OKINAWA. Disponível em: <https://www.noroeste-brazil.okinawa/pt/chapter2.html>. Acesso em: 19 nov. 2023.

OKINAWANDO. **O Pai da Imigração Okinawana**. Okinawando. 22 jun 2015. Disponível em: <https://okinawando.wordpress.com/2015/06/22/o-pai-da-imigracao-okinawana/>. Acesso em: 19 nov, 2023.

SAKIMA, Tatsuo. Breve História de Okinawa. In: AOKB. **90 anos desde o Kasato Maru**: Imigração Okinawana ao Brasil. São Paulo, p. 27-32, 2000.

SOUZA, Jacyara. **Determinantes da criação de valor das cooperativas agropecuárias de Mato Grosso do Sul**. UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL: Dissertação (Programa de Pós-graduação em Administração). UFMS. Campo Grande, 2017.

TAKAYASU, Hiroharu. Cultura Chimugukuru e Uchinaguchi: Uchinaguchi que toca o coração. In: AOKB. **Muribushi**: v. 8,9. Centro de Pesquisa da Imigração Okinawana no Brasil, Paulo's, p. 32-42, 2023.

TERUYA, Lynette. **Ukaji Debiru**: Kyuzo Toyama. The Hawaii Herald, 21 ago. 2020. Disponível em: <https://www.thehawaiiherald.com/2020/08/21/ukaji-debiru-kyuzo-toyama/>. Acesso em: 18 nov. 2023.

TOMA, Priscila Miki Cortez. **Entre Okinawa e Ryukyu**: as consequências de um duplo colonialismo. 2022. 29 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022.

YAMASHIRO, José. **Okinawa**: Uma Ponte para o Mundo. São Paulo, Cultura Editores Associados, 2000.